

O gigante Nabuco

Não fosse o convite de Marcos Vinícios Vilaça, eu não teria pintado o mural em homenagem ao centenário da morte de Joaquim Nabuco.

No dia 30 de novembro de 2009, apesar das inúmeras passagens dos ladrilhos cerâmicos pelo forno, ainda foi necessário alguns retoques indispensáveis.

Nabuco, menciona, no seu diário, que o Barão de Ibirá-Mirim usou uma nova palavra que seria a combinação de circunscrever e concisão — “‘circuncisei’ o mais que pude a matéria”. Assim é o meu propósito: “circuncisar” esta narração.

O mural se divide em três partes: a sala do trono, a apoteose de Nabuco e o encontro dos três grandes brasileiros - Euclides da Cunha, Machado de Assis e o próprio Nabuco.

No centro da sala do trono, o Imperador Dom Pedro II repousa numa cadeira. Sua atitude melancólica sugere uma total apreensão com o futuro do Brasil, agora entregue a mãos desconhecidas. Embora na sombra, a bandeira imperial permanece intocada. Do seu lado, uma coluna nos moldes clássicos sugere um mundo antigo prestes a desmoronar. A coroa imperial está por terra e, logo ao seu lado, caminha um cachorro como o único (e último) emblema de lealdade. No fundo desse cenário, um cavalo invade a sala do trono (símbolo máximo de desrespeito), montado pelo Major Frederico Sólton Sampaio Ribeiro, o portador da comunicação de que um novo regime fora estabelecido (a República) e de que o Imperador deveria partir incontinentemente para a Europa. Lá atrás, num paredão escuro, aparece pela metade o corpo de um enforcado (ou enforcada), lembrando a possibilidade de violência.

Meu trabalho de artista nada tem de histórico. Trata-se de uma narrativa ou de uma homenagem a cinco figuras: o Imperador Dom Pedro II (confesso que sou monarquista como Nabuco também o foi), a Joaquim Nabuco, a figura de um escravo liberado, a Euclides da Cunha e a Machado de Assis.

No núcleo do mural (a apoteose), Joaquim Nabuco se encontra em cima de um pedestal com a seguinte inscrição retirada do seu diário de junho de 1877: “A força do desconhecido está em que ele não se presta a comparações”. A meu ver, em todos os sentidos, essa observação pode caracterizar não só as circunstâncias brasileiras daquele momento, mas todo o destino da raça humana.

Apesar de se encontrar no topo do pedestal, Joaquim Nabuco estende a mão a um escravo que fica a alguns metros abaixo. Este mesmo gesto sensível e generoso — a motivação central do Mural — se repete num primeiríssimo plano quando duas mãos quase se tocam à maneira daquelas desenhadas e pintadas por Michelangelo na Capela Sistina, na cena da Criação. Nesta cena, pode-se observar a cabeça de um escravo presa num tronco e, ao fundo, a lendária casa do Engenho Massangana a recordar o episódio

do menino Nabuco, com apenas oito anos, reconfortando um escravo que lhe implorava proteção.

Joaquim Nabuco era um homem excessivamente inteligente e refinado (no bom sentido) para compreender que o episódio da ABOLIÇÃO não representava o fim da servidão humana. Não custa nada repetir as palavras tão elucidativas (apesar da aparência trivial) do seu diário de Roma, em 1904: “Tive uma grande raiva ontem com o Alfredo e resolvi despedi-lo. Estou como as formigas que são alimentadas pelas escravas e que morrem à fome quando estas faltam, por não poderem elas mesmas prepararem o seu alimento. Estou inteiramente no ar com a partida do Alfredo, sem criado, e tão cedo não terei quem saiba das minhas coisas como ele. (...) Escrevi-lhe uma palavra de despedida, mas não assisti a partida.”

Muito a propósito, lembro a advertência do escritor francês Leon Bloy: “Perante os desígnios de Deus, ninguém sabe ao certo quem é servo ou senhor”.

Na terceira parte, a escala das personagens se agiganta. Nabuco ocupa todo o cenário. Na verdade, intercepta com sua figura majestosa as situações restantes. Passa a ser o tema principal da atenção dos circunstantes que, porventura, venham a olhar este mural. A sua postura está ligeiramente inclinada para trás, num gesto de quem rodopia (ou perde o equilíbrio), enquanto o apoio de suas pernas se lança em direções opostas. O que deseja provar? Joaquim Nabuco não foi uma figura controversa, a sua vida (apesar de brilhante e vitoriosa) é que lhe foi contraditória. Monarquista convicto, com a abolição da escravatura, decretou a queda do Império. Ele não esconde sua preocupação ao Barão de Penedo: “Eu vejo a Monarquia em sério perigo e quase condenada”. Ao voltar da Europa, explicou a Rebouças que retornava ao Brasil em caráter definitivo para assistir, da própria cena, ao descalabro progressivo de nosso país. Mas, carregava em si a intenção de manter-se afastado de tudo, como um estrangeiro. Foram esses tormentos de Joaquim Nabuco que eu desejei traduzir nesta postura ambígua. Com a mão esquerda, aponta Euclides da Cunha, que sustenta uma carta que lhe haveria de mandar pedindo seu voto para a entrada na Academia Brasileira de Letras. Com a mão direita, indica a figura do escritor Machado de Assis, pintado no ângulo direito do mural, que parece se evadir de todas essas questões. Lá no fundo, bem distante, um arremedo de templo grego faz as vezes da Academia. Nabuco deverá permanecer na sua solidão. Sabe da morte de Machado Assis através de um telegrama do Barão do Rio Branco e diz: “O Brasil perdeu nele sua maior glória literária”. A grande esperança de Nabuco era comemorar o centenário do nascimento de seu pai, em 1913, entretanto, faleceu a 17 de janeiro de 1910, em Washington (D.C.).

Curiosamente, durante todo o seu diário, as observações pertinentes a sua saúde têm uma propriedade de linguagem que facilitaria o diagnóstico de qualquer médico que o atendesse. Esse grande pernambucano merece um lugar de distinção na nossa história que ainda não lhe foi dado. Foi um dos maiores e, como tal, deve ser reconhecido.

Francisco Brennand
Propriedade Santos Cosme e Damião — Várzea — Recife
14 de dezembro de 2009